



## “BLITZKRIEG CONTRA A MACUMBA:” REPRESSÃO POLICIAL E ARTE SACRA AFROBRASILEIRA NO RIO DE JANEIRO EM 1941

ARTHUR VALLE

Departamento de Artes - ICHS – UFRRJ / artus.agv.av@gmail.com

### RESUMO EXPANDIDO

“Macumba” é hoje - talvez mais do nunca - um termo em disputa. Ainda é muito comum o seu emprego como designação pejorativa ligada às religiões afrobrasileiras e suas práticas, compreendidas como sinônimo de malefício. Porém, outros intérpretes têm procurado significar de maneira positiva o termo, compreendendo-o como uma designação para práticas religiosas sofisticadas que tem o potencial de relativizar a intransigência dos modos de pensar marcados pela colonialidade e propor maneiras novas e plurais de existência, que apelam por um reencantamento do mundo.

Afirmar essa conotação positiva de “macumba” exige que enfrentemos o racismo e a violência (literal e simbólica) que regem, desde tempos coloniais, a inserção dos africanos, seus descendentes e suas práticas culturais no quadro mais amplo da sociedade brasileira. No Rio de Janeiro das primeiras décadas da República, por exemplo, as elites não só desqualificaram os saberes e bens simbólicos afrobrasileiros, como procuraram, com ações práticas, expurgá-los do tecido social. A estratégia mais sistemática nesse sentido envolveu a repressão policial que se abateu sobre as religiões afrobrasileiras, com variada intensidade, durante a Primeira República e os governos de Getúlio Vargas.

Nossa comunicação discute uma manifestação relativamente tardia dessa repressão. Na noite de 31 de março de 1941, a polícia do Rio de Janeiro deflagrou aquilo que, na imprensa local, foi designado como “uma campanha sem quartel a todos que se dedicavam à prática da magia negra [sic]” (A Noite, 31 mar. 1941). Idealizada pelo Major Filinto Strubing Müller, Chefe de Polícia de Vargas, essa ação de grande envergadura foi saudada na imprensa com uma retórica bélica que fazia referência explícita à Segunda Guerra Mundial, que grassava com toda força. Nos periódicos do Rio, a “campanha” foi qualificada como uma autêntica “Blitzkrieg,” termo alemão que literalmente quer dizer “guerra-relâmpago” e que estava então associado a táticas de guerra supostamente empregadas pelas forças nazistas. No curto intervalo de 48 horas, as forças policiais invadiram dezenas de locais de culto e prenderam um número equivalente de religiosos. O *Diário de Notícias* (1. abr. 1941) publicou, inclusive, uma lista com quase cinquenta endereços, o que nos permite ter uma ideia aproximada da distribuição geográfica dos locais de culto afrobrasileiros no Rio do início dos anos 1940 [Fig. 1].

A análise de notícias de imprensa sobre a “Blitzkrieg” revela que, em 1941, não só a repressão policial às religiões afrobrasileiras continuava fortemente em



vigor, como voltou a ser vinculado um discurso de raiz higienista que interpretava essas religiões e suas práticas curativas e terapêuticas como nocivas à sociedade e produtoras de malefícios morais, como a loucura. Além disso, os textos e algumas das fotos dos religiosos presos [Fig. 2a e 2b] sugerem um paralelo lúgubre com práticas de limpeza étnica que foram levadas a cabo pelo Nazismo - do qual Müller é até hoje acusado de ter sido simpatizante. A intenção do então Chefe de Polícia era enviar ao menos parte dos religiosos para a Penitenciária de Dois Rios, na Ilha Grande. Embora não tenhamos comprovação se isso de fato ocorreu, tal intenção por si só indica um desejo de radical segregação social, semelhante aquele que os nazistas infligiram, em campos de concentração, aos judeus e inimigos políticos.

As demais fotos que estampam as notícias de 1941 têm, porém, um caráter diverso [Fig. 3]. De certo, elas também carregam a sombra da repressão policial e demandem cautela ao serem analisadas, uma vez que foram tiradas não nos locais de culto mas na Delegacia Central do Rio, sob o controle das autoridades policiais. Mas tais fotos são potencialmente valiosas para a historicização de, entre outras coisas, aspectos da arte sacra afrobrasileira como indumentária litúrgica e objetos de culto. Com efeito, para a história da arte no Brasil, a consequência talvez mais importante da “campanha” policial de 1941 é o fato de que vários objetos então sequestrados dos locais de culto passaram a integrar a coleção do Museu do Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro [Fig. 4]. Recentemente, essa coleção foi transferida para o Museu da República do Rio e as informações sobre a apreensão de parte de seus itens certamente contribuirão para os novos estudos possibilitados por esse novo e mais favorável enquadramento institucional.

Em suma, ainda que à revelia de suas intenções originais, a “Blitzkrieg” de 1941 e sua recepção na imprensa do Rio permitem hoje que entendamos um pouco melhor aspectos da arte sacra afrobrasileira em um período e local que ainda carecem de investigações sistemáticas. Além disso, cremos que estudar esse sombrio episódio representa um ato de memória contra o esquecimento da repressão e uma denúncia do racismo que a fundamentava, cujos efeitos reverberam fortemente no Brasil até os dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:**

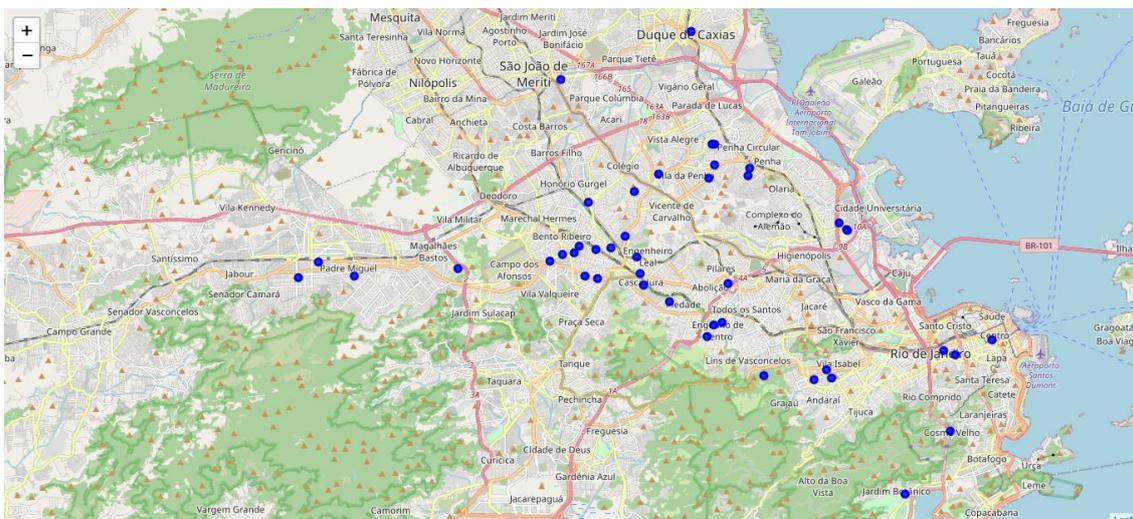
Arte sacra afrobrasileira. Repressão policial. Racismo religioso

**PERGUNTAS-CHAVE:**

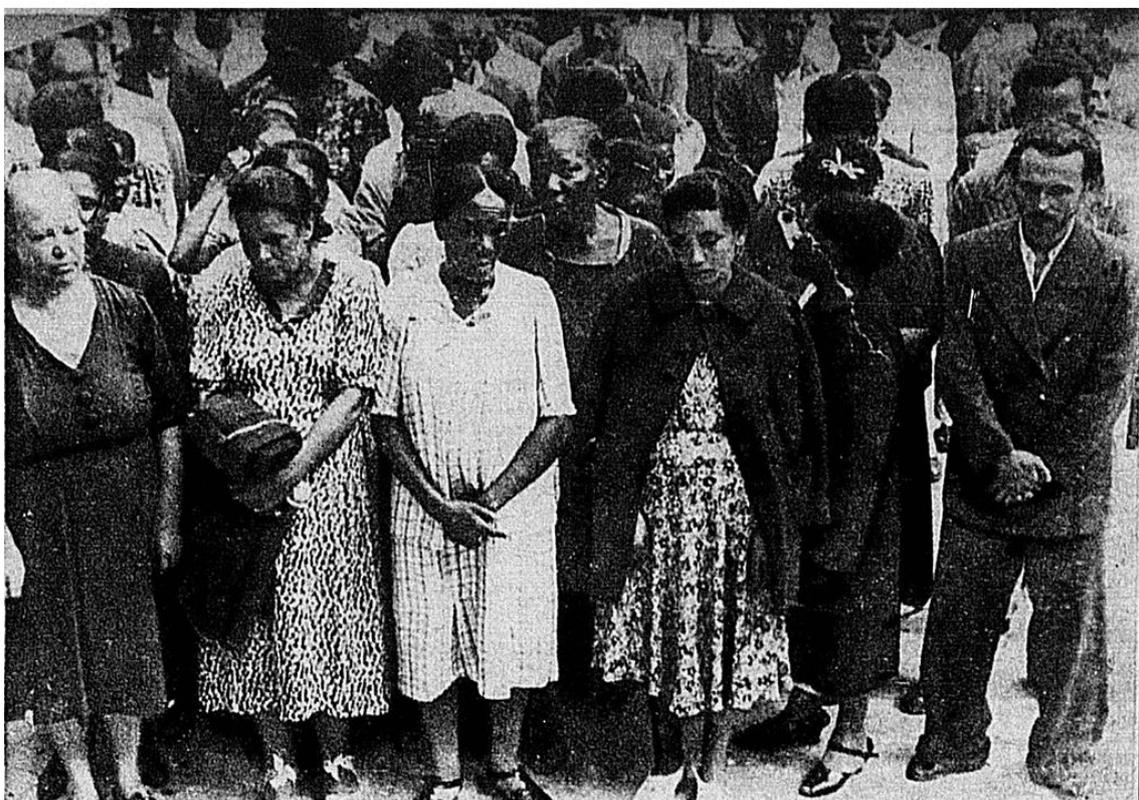
1. Como as diferentes formas de racismo impacta(ra)m a escrita da história da arte?
2. Quais relações podemos estabelecer entre violência e a constituição de acervos de obras de arte?



IMAGENS:



**Fig. 1** - Mapeamento de locais de culto afrobrasileiros (indicados pelos pontos azuis), com base em informações publicadas pelo jornal *Diário de Notícias* de 1 abr. 1941  
Produzido com JupyterLab 1.2.6 e Folium 0.11.0  
URL: [http://www.dezenovevinte.net/asab/locaisdeculo\\_1941.html](http://www.dezenovevinte.net/asab/locaisdeculo_1941.html)



**Fig. 2a e 2b** - Religiosos afrobrasileiros presos na “Blitzkrieg” de 1941  
Fotos em: (a) *A Noite Ilustrada*, 8 abr. 1941, p. 44; (b) *O Globo*, 31 mar. 1941, p. 1



**Fig. 3** - O sacerdote Sizenando José da Silva fotografado na Delegacia Central do Rio de Janeiro, em meio a diversos objetos sacros apreendidos pela polícia  
Fonte: *Diário da Noite*, n. 4221, 31 mar. de 1941, p. 1



**Fig. 4** - Escudo. Metal, 45 x 36 cm.  
Rio de Janeiro, Museu da Polícia Civil, no. id 129 (recentemente transferido para o Museu da República/RJ)